

# Ato 5

## O Poder da Ressurreição (25:13–27)

**J**á visitei muitas catedrais, mas uma das mais fascinantes foi a Abadia de Westminster, em Londres. Para mim, foi inesquecível — não por causa das coroações que ela guarda, mas por causa das pessoas famosas sepultadas ali: a realeza, líderes políticos, gigantes militares, artistas famosos. Uma larga esfera de vocações e atividades paralelas estava representada ali, mas os túmulos tinham uma coisa em comum: em cada um havia as palavras: “Aqui jaz o corpo de”, seguidas de um nome conhecido. Walter B. Knight fez a seguinte observação:

Como foi diferente com o túmulo de Jesus. Não [havia] a inscrição: “Aqui jaz o corpo de Jesus”, mas o epitáfio oral do anjo: “Ele não está aqui: pois ele ressuscitou”. Na terra a magnitude geralmente termina no túmulo. A maior demonstração do poder de Jesus começou no túmulo, onde Ele venceu a morte<sup>1</sup>.

A ressurreição de Jesus foi o ponto central da pregação de Paulo. Em Atenas, “pregava a Jesus e a ressurreição” (17:18d). Disse ele aos romanos: “É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou” (Romanos 8:34b). Aos coríntios escreveu ele: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1 Coríntios 15:17).

dos” (1 Coríntios 15:17).

Não nos surpreende, então, ser a ressurreição um dos pontos centrais das “apologias” de Paulo nos capítulos 23 a 26. Em cada um dos quatro “julgamentos”<sup>2</sup>, ele enfatizou a ressurreição: no “julgamento” número um, Paulo exclamou aos membros do Sinédrio: “No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado!” (Atos 23:6d). Durante o segundo julgamento, Paulo disse a Félix: “Porém confesso-te que... assim eu sirvo ao Deus de nossos pais... tendo esperança em Deus... de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos” (24:14, 15). No decurso do terceiro julgamento, a apresentação de Paulo sobre a ressurreição de Jesus foi tão poderosa que apesar de Festo não compreendê-la, ela causou uma impressão indelével em sua mente (25:19). Na passagem bíblica desta lição, estudaremos o quarto “julgamento”, quando Paulo perguntou ao rei Agripa e aos outros distintos convidados: “Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?” (26:8; veja também 26:22, 23).

Se tirássemos a ressurreição dos capítulos 23 a 26, teríamos a história do mau tratamento de um cidadão romano. Porque a ressurreição está

<sup>1</sup>Walter B. Knight, *Knight's Treasury of Illustrations* (“Tesouro de Ilustrações de Knight”). Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963, p. 314. <sup>2</sup>A palavra “julgamento” está entre aspas porque seria difícil pensar no fiasco da reunião com o Sinédrio como um julgamento propriamente e, com certeza, a defesa de Paulo perante Agripa não foi de fato um julgamento. Apesar disso, a maioria dos estudiosos refere-se a todos eles como “julgamentos”. Em cada situação, Paulo estava sendo julgado pela sua fé, não pela sua vida.

incluída, temos um testemunho fortíssimo do poder dela na vida de Paulo. “O tema unificador [desses capítulos] é a ressurreição e o que a crença no Senhor vitorioso pode fazer para nos fortalecer e encorajar diante das pressões mais cruciais da vida”<sup>3</sup>.

Do capítulo 21 em diante, Paulo enfrentou alguns dos julgamentos mais difíceis da sua vida. Nesta lição, veremos como a fé de Paulo num Senhor ressurreto fortaleceu-o nesses julgamentos — e como tamanha fé pode também nos ajudar a triunfar. O pano de fundo desta lição será os acontecimentos que propiciaram a defesa de Paulo perante Agripa.

### O ADMINISTRADOR CONFUSO (25:13–23)

Depois de Paulo apelar para César, Festo o manteve em custódia enquanto providenciava despachá-lo para Roma. Esses preparativos levariam tempo: tinham de achar um navio que fosse para Roma e uma escolta de oficiais tinha de fazer a segurança (27:1). A bem da eficiência, os oficiais normalmente esperavam até que pudessem transportar vários prisioneiros de uma vez (27:1). Para Festo, porém, a parte mais difícil da preparação era escrever um relatório ao imperador.

### Visitantes da Realeza (vv. 13, 14)

Enquanto faziam-se os preparativos, Festo teve dois visitantes da realeza: “o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesaréia a fim de saudar a Festo” (v. 13).

O rei Agripa<sup>4</sup> era o filho do Herodes<sup>5</sup> que matou Tiago e tentou matar Pedro (12:1–4). Berenice era irmã dele. No capítulo 24 encontramos outra irmã, Drusila, casada com o governador Félix (v. 24). Agripa tinha uns trinta e dois anos na época desta história; Berenice era um ano mais jovem.

Como Agripa possuía o título de “rei”, pode parecer que ele fosse o superior de Festo, mas o

oposto é que era a verdade. Embora Agripa tivesse herdado o título de seu ilustre pai, não herdou o território deste. Era um rei insignificante de uma pequena área no nordeste da província da Judéia<sup>6</sup>. Para ele era vantajoso cultivar amizade com um oficial romano de alto escalão. Portanto, no início da administração de Festo, Agripa e Berenice foram dar-lhe “boas-vindas” e parabenizá-lo pela posse do cargo.

Para Agripa e Berenice, viajar até Cesaréia era um regresso ao lar. A cidade fora construída pelo bisavô deles, Herodes, o Grande. Por toda parte havia evidências do gosto de Herodes pela construção: belos edifícios de mármore, calçamentos magníficos de mármore e monumentos<sup>7</sup>. Cesaréia também fora a capital do reinado do pai deles, um regime que se equiparou ao de Herodes, o Grande — ou que, talvez, o tenha superado<sup>8</sup>. Quando Agripa e Berenice finalmente chegaram ao pretório, memórias agradáveis devem ter inundado suas mentes. Era a terra da infância deles. Também foi onde o pai deles sofreu uma morte dolorosa, quinze anos atrás<sup>9</sup> (12:20–23).

Os dois ficariam estarecidos se soubessem que a visita era o cumprimento de uma profecia de Jesus:

E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas; por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios (Mateus 10:17, 18; grifo meu).

Paulo já havia falado perante governadores (Félix e Festo); agora, Deus estava montando o palco para ele falar perante um rei.

Festo certamente cumprimentou Agripa e Berenice calorosamente, em consideração ao nome da família deles<sup>10</sup> e também por causa do papel do rei na vida religiosa da Judéia<sup>11</sup>. Com o passar dos dias, e tendo conhecido Agripa, o governador decidiu que a visita do jovem rei poderia beneficiá-lo. Agripa talvez lhe desse

<sup>3</sup>Lloyd J. Ogilvie, *The Communicator's Commentary* (“Comentário do Comunicador”), vol. 5, *Acts*. Dallas: Word Publishing, 1983, pp. 339–340. <sup>4</sup>Era o Herodes Agripa II. Veja o diagrama na lição “O Homem Que Pensava Ser Deus”. Ele é ligeiramente mencionado na próxima lição. <sup>5</sup>Esse Herodes era o Herodes Agripa I. Veja o sermão sobre ele, na lição “O Homem Que Pensava Ser Deus”. <sup>6</sup>Para saber mais sobre Agripa e a extensão de seu governo, veja a lição “Resistindo ao Aguilhão”. <sup>7</sup>Veja a lição “Derrubando Paredes!”. <sup>8</sup>Veja a lição “O Homem Que Pensava Ser Deus”. <sup>9</sup>Veja “Uma Cronologia do Livro de Atos”. <sup>10</sup>O nome de Herodes ainda tinha peso. Existia no país um partido político-religioso chamado “herodianos” (veja Marcos 3:6; 12:13). <sup>11</sup>Como notaremos na lição “Resistindo ao Aguilhão”, embora Agripa não governasse sobre a Judéia, Roma deu-lhe a guarda do templo de Jerusalém e o direito de indicar o sumo sacerdote. Agripa poderia facilitar ou dificultar o desafio de Festo.

algum esclarecimento sobre a intrigante questão do pequeno judeu fazedor de tendas, enfiado numa cela do palácio. Assim como Drusila (24:24), Agripa era descendente de uma princesa judia chamada Mariane<sup>12</sup> e era considerado judeu. Era um dos residentes especialistas de Roma em assuntos judaicos (veja 26:3, 27). Sendo assim, depois que Agripa e Berenice “[se demoraram] ali alguns dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo” (25:14a)<sup>13</sup>.

### Um Ponto de Vista Romano (vv. 14–21)

O relato de Festo nos permite ver o caso de um ponto de vista romano, especificamente de um romano que era ignorante acerca do judaísmo e do cristianismo. Suas palavras constituem um estudo sobre como os fatos podem ser manipulados a fim de colocar o falante numa posição privilegiada<sup>14</sup>.

Félix deixou aqui preso certo homem<sup>15</sup>, a respeito de quem os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram queixa, estando eu em Jerusalém, pedindo que o condenasse. A eles respondi que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação<sup>16</sup>. De sorte que, chegando eles aqui juntos, sem nenhuma demora<sup>17</sup>, no dia seguinte, assentando-me no tribunal, determinei fosse trazido o homem; e, levantando-se os acusadores, nenhum delito referiram dos crimes de que eu suspeitava<sup>18</sup>. Traziam contra ele algumas questões referentes à sua própria<sup>19</sup> religião<sup>20</sup> e particularmente a certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo (vv. 14b–19).

Agripa deve ter rido da ignorância de Festo.

Todavia, embora confuso, Festo discerniu dois fatos: primeiro, que a natureza da questão era religiosa, e não política. Como disse Gálio aos judeus: Esta é uma “questão de palavra, de nomes e da vossa lei” (18:15a)<sup>21</sup>. Festo teria prontamente aderido ao lema: “Uma religião é tão boa quanto outra” (com este adendo: “... e nenhuma vale muito a pena”). Assim como muitos outros oficiais, o governador era ignorante acerca de questões religiosas e estava determinado a continuar assim.

Todavia, Festo também assimilou que o centro do conflito era se alguém chamado Jesus estava ou não vivo. Ao ler o parecer de Festo a respeito do principal ponto de discórdia, fico impressionado e, ao mesmo tempo, angustiado. Impressionado porque o governador foi astuto o bastante para reconhecer a importância da questão: “Jesus está vivo ou morto?” Alguns que alegam ser cristãos, pregadores até, não pensam que a ressurreição seja um assunto chave<sup>22</sup>.

Ao mesmo tempo, fico angustiado diante da maneira indiferente (quase frívola) com que Festo tratou o tema: “algumas questões referentes... a certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo” (v. 19). Foi assim que “um magistrado romano falou da verdade mais gloriosa da religião cristã”<sup>23</sup>. O governador demonstrou o tipo de apreciação pela ressurreição que um verme tem por um diamante ou um porco, pelas estrelas. Quanto Festo perdeu por não possuir uma mente curiosa e um coração aberto!

Continuemos a ouvi-lo falar “enquanto apresentava o caso de Paulo ao rei”: “Estando eu

<sup>12</sup>Veja a lição “O Homem Que Pensava Ser Deus”. <sup>13</sup>Mais uma vez, os cétricos pensam em “como Lucas soube” da conversa em particular entre o governador e o rei. Sugerem que Lucas tenha “inventado” as palavras de Festo. É possível que os servos presentes fossem simpatizantes do cristianismo (veja Filipenses 4:22). O mais importante é que Lucas foi inspirado — e Deus sabe o que ocorre nas dependências reais (2 Reis 6:12). <sup>14</sup>Compare isso com o relato de Lísias do que aconteceu em Jerusalém (veja as observações sobre Atos 23:25–30 na lição “Esperança Renovada”). <sup>15</sup>Ainda que fosse bem tratado, Paulo era um prisioneiro. <sup>16</sup>Em outras palavras, todo homem tem direito ao seu dia no tribunal. Era um dos maiores princípios da jurisprudência romana. Às vezes, se desviavam desse ideal... mas nós também hoje em dia. <sup>17</sup>Festo estava comparando sua conscientização com a indulgência de Félix. <sup>18</sup>Provavelmente, Festo esperava acusações de assassinato, um delito mais grave ou algo semelhante. <sup>19</sup>Por que Festo disse “sua própria religião” para alguém que tinha uma formação judaica? Talvez ele não quisesse identificar seu visitante real com a injustiça dos líderes judeus. Talvez as palavras tenham simplesmente escorregado da sua boca. <sup>20</sup>A palavra “religião” é uma forma do grego traduzido por “religioso” em 17:22. Significa literalmente “adoração a demônios” e é traduzida por “superstição” na ERC. Veja as observações sobre Atos 17:22 na lição “Um dos Maiores Sermões Já Pregados”. Como Festo não insultaria seu convidado deliberadamente, “religião” deve ser a melhor tradução. Mas, é possível que — assim como Paulo em Atos 17 — ele tivesse um significado ambíguo em mente. <sup>21</sup>Roma tinha uma política de não interferir em leis e práticas religiosas locais, desde que estas não entrassem em conflito com a lei romana. <sup>22</sup>Já ouvi pregadores denominacionais dizerem: “Se Jesus ressuscitou de fato ou não é algo que não tem importância; o que é importante é que os primeiros cristãos pensavam que sim”. <sup>23</sup>Albert Barnes, *Acts* (“Atos”), Notes on the New Testament (“Notas sobre o Novo Testamento”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1953, p. 344.

perplexo quanto ao modo de investigar estas coisas, perguntei-lhe se queria ir a Jerusalém para ser ali julgado a respeito disso” (25:20). (Por conveniência, Festo deixou de mencionar que o motivo da sugestão era agradar os judeus [v. 9].) “Mas, havendo Paulo apelado para que ficasse em custódia<sup>24</sup> para o julgamento de César, ordenei que o acusado continuasse detido até que eu o enviasse a César” (v. 21).

A expressão “perplexo” poderia ser usada para descrever o estado mental de Festo em geral (veja vv. 26, 27). Ele esperava que o jovem rei o ajudasse.

### **Um Pedido Marcante (vv. 22, 25–27)**

O interesse de Agripa deve ter sido despertado pela menção de Paulo. Embora os seguidores de Jesus fossem desconhecidos para Festo, eram bem conhecidos para Agripa. A história cruel de Herodes foi inexoravelmente interceptada pela história abençoada da dispersão do cristianismo<sup>25</sup>. Morando na Palestina, Agripa já teria ouvido a respeito do “judeu renegado” que era o patrono mais conhecido do cristianismo (veja 26:26). O rei nunca teria ido a uma sinagoga para ouvir Paulo pregar, mas ali estava uma oportunidade para obter informações de primeira-mão — uma oportunidade à qual ele não resistiria. “Então, Agripa disse a Festo: Eu também gostaria de ouvir este homem” (25:22a). Agripa provavelmente tinha muitos motivos para querer ouvir Paulo — curiosidade, o desejo de quebrar o tédio de uma visita política — mas, talvez, um cantinho tímido de seu coração abrigasse um desejo de aprender a respeito de Jesus.

Festo ficou feliz em atender ao pedido de Agripa. Fazendo isso, ele poderia realizar vários itens do protocolo: 1) Honrar os convidados. 2) Proporcionar-lhes mais um entretenimento (era difícil aparecer com uma novidade todos os

dias). 3) Proteger-se (se tivesse problemas com Roma, teria testemunhas muito bem conhecidas de que fizera o possível para aplicar justiça ao caso de Paulo).

Acima de tudo, o governador esperava conseguir ajuda para redigir seu relatório oficial para Roma<sup>26</sup>. Francamente, Festo não tinha idéia do que escrever. Mais tarde, ele admitiu isso a Agripa e aos demais convidados:

... tendo ele [Paulo] apelado para o imperador, resolvi mandá-lo ao imperador. Contudo, a respeito dele, nada tenho de positivo que escreva ao soberano; por isso, eu o trouxe à vossa presença e, mormente, à tua, ó rei Agripa, para que, feita a argüição, tenha eu alguma coisa que escrever; porque não me parece razoável remeter um preso sem mencionar, ao mesmo tempo, as acusações que militam contra ele (25:25b–27).

O problema não era que Festo nada tinha para escrever, mas que ele não tinha nada para escrever que fizesse sentido para Roma. Tinha acusações, mas nenhuma prova. Tinha queixas, mas nenhuma que interessasse o imperador. Portanto, rapidamente, assegurou a Agripa: “Amanhã... o ouvirás” (v. 22b).

### **Uma Assembléia Real (v. 23)**

O versículo 23 diz o seguinte:

De fato, no dia seguinte, vindo Agripa e Berenice, com grande pompa<sup>27</sup>, tendo eles entrado na audiência juntamente com oficiais superiores e homens eminentes da cidade, Paulo foi trazido por ordem de Festo<sup>28</sup>.

Visualize a cena mentalmente: o auditório devia ser o elegante salão construído por Herodes, o Grande. “Tapeçarias pesadas... adornavam as paredes, com colunas de mármore que subiam até o teto esculpido ornamentalmente.<sup>29</sup>” A sala, festonada de bandeiras e pendões, estava repleta de notórios adereços decorativos<sup>30</sup>. Em torno

<sup>24</sup>O texto sugere que uma razão para Paulo ter apelado para César foi estar protegido por Roma até que saísse da Palestina. Quer isso estivesse na mente de Paulo quer não, por providência de Deus esse foi o resultado prático do apelo de Paulo. <sup>25</sup>Veja a lição “O Homem que Pensava Ser Deus”. <sup>26</sup>De acordo com os procedimentos legais romanos, um relatório escrito tinha de ser enviado com o prisioneiro quando este fosse recomendado à suprema corte. <sup>27</sup>“Pompa” no grego é *phantasia*, que significa “mostra, exposição”. Essa palavra, de onde deriva “fantasia” e “fantástico”, era usada para uma ostentação elaborada, sendo traduzida também por “ostentação” em algumas versões. <sup>28</sup>Toda a história é redigida como um relato de uma testemunha ocular. É possível que o distinto dr. Lucas tenha sido convidado para a ocasião. <sup>29</sup>Charles R. Swindoll, *The Strength of an Exacting Passion* (“A Força de uma Severa Paixão”). Anaheim, Calif.: Insight for Living, 1992, pp. 125–26. <sup>30</sup>Alguns já sugeriram que o Sinédrio estava presente, mas isso é improvável. Teriam ido embora muitos dias antes (observe o passar do tempo nos vv. 13 e 14). Todavia, é possível que houvesse um número de judeus presentes entre os homens mais influentes da região. Afinal, Cesaréia ficava na Palestina.

das paredes havia “uma sólida falange dos legionários romanos, altos em estatura, fazendo a guarda cerimonial”<sup>31</sup>.

As trombetas soaram e um desfile deslumbrante lançou-se pelo auditório. Primeiro vieram os homens mais proeminentes da região — influente líderes cívicos e de negócios — acompanhados de cinco comandantes romanos poderosos<sup>32</sup>. Depois de uma dupla ressoada de trombetas, Festo introduziu-se aos seus célebres convidados. Agripa e Berenice vestiam o esplendor da realeza<sup>33</sup>: túnicas vermelhas nas costas, coroas de ouro na cabeça. A beleza de Berenice era intensificada por jóias brilhantes nos cabelos e nos pulsos. Para não ficar de fora, Festo trajava a túnica escarlate do governador, usada somente em ocasiões especiais. Era uma magnífica amostra de brilho, glamour e glória terrena<sup>34</sup>.

Festo deu a ordem e “Paulo foi trazido”. O contraste deve ter sido surpreendente. O apóstolo em pé, diante da assembleia imponente, trajando um uniforme desbotado de prisioneiro, correntes nos pulsos que tilintavam quando ele se mexia (26:29). Era uma criatura digna de pena: cicatrizes na pele, o corpo judiado por décadas de tortura e maus tratos. Isto é, sua aparência era de dar dó, até que se olhasse no fundo dos seus olhos — pois eles ardiavam com uma chama interna.

Não sinta pena do apóstolo. Foi ele, não os que faziam parte daquela audiência majestosa, que tomou conta da cena. Foi o nome dele, não os dos outros, que se tornou uma palavra conhecida. Foi ele, não eles, que era o cliente VIP<sup>35</sup> daquela ocasião. Alguém disse: “Não ficariam surpresos se soubessem que a única razão por termos ouvido falar deles é porque, naquele dia, suas vidas cruzaram com a de um prisioneiro chamado Paulo?”

Nunca tenha inveja do estilo de vida dos ricos e famosos. (Veja Marcos 10:42–44.) A imponência externa é transitória; “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a

soberba da vida” passam. Em contraste, “aquele... que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 João 2:16, 17).

Como foi escrito em Hebreus, Paulo podia dizer “confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?” (Hebreus 13:6). O que capacitava o apóstolo a ter essa confiança? Ele encontrou o Senhor na estrada de Damasco; recebeu uma missão do Senhor; entregou a vida ao Senhor. É por isso que ele podia encarar com ousadia qualquer coisa ou pessoa.

Na próxima lição, retomaremos a cena dramática no salão da audiência. Primeiro, vamos reforçar o poder da ressurreição na vida de Paulo.

### O APÓSTOLO CONFIANTE

Começamos recapitulando o que Paulo teve de enfrentar no contexto dessa ocasião. Seus julgamentos podem ser resumidos em sete binômios<sup>36</sup>: 1) *Confinamento imerecido*. Paulo deveria ter sido solto, mas permaneceu na prisão. 2) *Demora inexplicável*. Lemos o seguinte: “Dois anos mais tarde...” Essas palavras em 24:27 levam apenas um ou dois segundos para serem lidas, mas levaram vinte e quatro meses para passar. Jesus prometera a Paulo que ele iria a Roma (23:11), mas Ele não mencionou uma demora de dois anos. 3) *Ataque implacável*. O período de dois anos de espera não suavizou o ódio dos judeus. Continuamente, desejavam matar Paulo. 4) *Acusações falsas*. As acusações contra Paulo ou eram imaginárias ou imprecisas. 5) *Exploração injusta*. Primeiro, Félix tentou usar Paulo para ganhar propina; depois tentou usá-lo para acalmar os judeus. Festo também tentou usar Paulo para obter aprovação dos judeus. 6) *Juízes indignos*. Seria difícil imaginar um grupo mais condenável do que o Sinédrio, Félix, Festo e Agripa; ainda assim, pretendiam julgá-lo. 7) *Um futuro incerto*. Paulo deve ter pensado muitas vezes: “Como posso pregar em Roma se nem consigo

<sup>31</sup>William Barclay, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”), The Daily Study Bible Series, ed. rev. Filadélfia: Westminster Press, 1976, p. 175. <sup>32</sup>Josefo disse que cinco comandantes estavam empossados em Cesaréia. Cada um tinha autoridade sobre mil homens (veja as notas sobre Atos 21:31 na lição “E Julgavam”). <sup>33</sup>O pai deles vestia-se com ostentação (veja as notas sobre Atos 12:21 na lição “O Homem que Pensava Ser Deus”). <sup>34</sup>Esses termos foram usados por G. Campbell Morgan, em *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”). Grand Rapids, Mich.: Fleming H. Revell Co., 1988, p. 391. <sup>35</sup>Essas iniciais significam uma “pessoa muito importante”, do inglês “very important person”. <sup>36</sup>Estes sete pontos foram extraídos do sermão de Rick Atchley, “Resigning to Refining” (“Resignando para Refinar”), pregado na igreja de Cristo em Southern Hills, Abilene, Texas, em 5 de abril de 1987.

sair de Cesaréia?” Mesmo depois de apelar para César, Paulo estava incerto quanto ao resultado de seu julgamento perante o imperador.

### A Confiança do Apóstolo

O que sustentou Paulo por todos esses julgamentos imerecidos? Sua fé. A fé era o “escudo” com o qual ele podia “apagar todos os dardos inflamados do Maligno” (Efésios 6:16). Ele tinha fé em seu Deus. Quando finalmente ficou perante Agripa, disse: “Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje” (Atos 26:22a). Paulo escreveu: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31b). Ele tinha fé na promessa de Jesus de que um dia pregaria em Roma (Atos 23:11). Minha sugestão, porém, é que, de uma forma especial, a fé *na ressurreição* deu-lhe coragem para continuar. Ele podia não entender o porquê dos seus problemas, mas uma coisa ele entendia: seu Salvador estava vivo, ativo e no controle! Independentemente do que acontecesse a ele — ainda que, por fim, morresse nas mãos de César — tudo estaria bem; a ressurreição garantia isso! Como escreveu aos coríntios:

... Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem (1 Coríntios 15:20).

Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Coríntios 15:57).

### A Nossa Confiança

Muitos de vocês puderam se identificar com Paulo quando alistei seus infortúnios. Assim como ele, alguns de vocês estão confinados, apesar de não terem culpa alguma. Talvez estejam confinados por uma situação desvantajosa ou fincados num trabalho sem esperança de um melhoramento<sup>37</sup>. Alguns têm sido afligidos por demoras inexplicáveis. Você está aguardando um desenvolvimento positivo na sua vida — e parece que ele nunca acontece. Alguns estão sob um ataque implacável. Você já fez tudo o que podia para acalmar um adversário, mas ele está determinado a não se reconciliar. Alguns são vítimas de acusações falsas. Seus esforços para

limpar o seu nome já lhe deixaram exausto. Alguns têm sido explorados. Você sabe o que é ser usado por outras pessoas; você foi usado e abusado por um amigo, um patrão, ou um colega. Alguns estão sendo criticados por outros que estão desqualificados para isso. Talvez estejam com inveja do que você tem conseguido realizar. Todos nós enfrentamos um futuro incerto (Tiago 4:14a).

Como podemos, como Paulo, continuar em frente diante de julgamentos? A chave é a fé. “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 João 5:4b). Escreva essas palavras num local bem visível a você: “Quando estiver face a face com o desconhecido, confie naquilo que você conhece”<sup>38</sup>. Você pode não saber porque sua vida entrou em colapso, mas disto você sabe: Deus o ama e o ajudará, e todas as coisas cooperam para o bem (1 João 4:10; Hebreus 13:6; Romanos 8:28). Você também pode saber que Jesus está vivo e operando na sua vida: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pedro 1:3). Tenha certeza de que um dia Ele voltará para levá-lo para casa!

... transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória (1 Coríntios 15:51–54).

Quando tudo der errado na sua vida, apegue-se à certeza da ressurreição!

### CONCLUSÃO

Em relação à ressurreição de Jesus, você está tão confuso quanto Festo ou tão confiante quanto Paulo? Para você, a ressurreição é apenas “uma questão... referente a certo morto, chamado Jesus, a quem Paulo afirmava estar vivo”, ou a ressurreição é uma verdade viva que tem mudado a sua vida? “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa

<sup>37</sup>Nesta seção, tive o cuidado de apresentar algumas aplicações gerais. Esses julgamentos devem ser aplicados aos problemas locais que os ouvintes têm. <sup>38</sup>Esta é uma variação de um dito popular que recordo várias vezes.

pregação, e vã, a vossa fé”; “se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (1 Coríntios 15:14,32). Do contrário, se Cristo *ressuscitou*, isso muda tudo<sup>39</sup>!

Na próxima lição, ouviremos Paulo perguntar a uma sofisticada audiência: “Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?” Se Deus criou o mundo do nada, se soprou vida em Adão, se mudou um homem como Paulo<sup>40</sup>,

que simples seria para Ele ressuscitar Jesus dos mortos!

“Mas, *de fato*, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem” (1 Coríntios 15:20; grifo meu). Que esta verdade encha a sua alma e mude a sua vida — assim como transformou e revigorou a vida de Paulo! Entregue-se ao Senhor ressurreto<sup>41</sup>, e caminhe com Ele nos dias bons e nos dias maus! ❖

<sup>39</sup>“Isso muda tudo” é uma frase de uma propaganda de televisão nos Estados Unidos. Se tiver algo semelhante na sua cidade ou país, use. <sup>40</sup>Provas de que Jesus de fato ressuscitou dos mortos podem ser apresentadas aqui, se necessário. A mudança dramática de Paulo, por si só, é prova suficiente de que Jesus de fato está vivo. <sup>41</sup>Deve-se fazer aplicações aqui às necessidades dos ouvintes, à medida que o convite ou apelo for estendido (Mateus 11:28–30).

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS